

# LUZ E SOMBRA NA OBRA PARA JOVENS DE LUÍS SEPÚLVEDA. REFLEXÕES SOBRE *HISTÓRIA DE UMA GAIVOTA E DO GATO QUE A ENSINOU A VOAR*

**Fernando Azevedo**

*CIEC, Instituto de Educação da Universidade do Minho*

Recomendada pelo Plano Nacional de Leitura, a obra *História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar*, do escritor chileno Luís Sepúlveda (2002), constitui um curioso texto não só pelo modo hábil como nos narra a história de Ditosa – a jovem gaivota, criada e alimentada pelos gatos do porto –, como também pelos valores éticos que propõe. Aqui encontramos<sup>1</sup>, com efeito, uma série de situações que possibilitam a um leitor ainda pouco experiente nos chamados bosques da ficção refletir sobre aspetos essenciais da vida do sujeito como sejam, por exemplo, o significado do cumprimento da palavra dada, a importância da honra, o valor da amizade ou o que implica a aceitação, sem condicionamentos, do Outro. Esta importante dimensão axiológica, que abarca também uma reflexão sobre o lugar do homem e dos animais num planeta cujo desenvolvimento se deseja sustentado, é dada a ler por meio de um discurso alegórico e simbólico.

O título da obra, recuperando uma tradição próxima do discurso hagiográfico e possibilitando a leitura do texto com marcas de uma certa exemplaridade, constitui, desde logo, um elemento portador de novidade semiótica. Ele defrauda, com efeito, ostensivamente determinadas expectativas consistentes com o quadro de referência do mundo empírico e histórico-factual<sup>2</sup>.

Múltiplos planos se cruzam nesta obra: elementos que remetem para a verticalidade em oposição à horizontalidade, a que se associam simbolicamente aspetos como os da dicotomia céu/terra, vida/morte, luz/sombra ou ainda comunhão/separação ou utopia/distopia.

---

<sup>1</sup> Este texto retoma e reescreve um texto anteriormente publicado na *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación* (Azevedo, 2003).

<sup>2</sup> Veja-se, a este propósito, por exemplo, a não compatibilidade física e comportamental, de acordo com os quadros de referência comuns, entre o felino e o ser voador, facto que causa espanto e estranhamento, anunciando simultaneamente um determinado processo educativo de crescimento, aprendizagem e autonomia e um certo carácter de exemplaridade desta mensagem. É de notar que este processo é, pelo tempo verbal utilizado (o pretérito perfeito), entendido como concluído e aparentemente pertencente ao modo da realidade factual.

A narrativa inicia-se com o voo do bando de gaivotas em céu aberto no mar do Norte, e onde a liberdade, a Vida, a comunhão, a alegria ou a Luz constituem isotopias dominantes. A estas contrapõem-se outras: a não-verticalidade, a terra, as sombras, a separação ou o caos, indícios graças aos quais podemos ler a presença ostensiva da morte ou da distopia.

Zorbas, “o gato grande, preto e gordo”, um ser intrinsecamente marcado pela sua alteridade face aos seus progenitores e igualmente face ao quadro de referências próprio de uma cultura popular<sup>3</sup>, recebe a missão de criar, desde o momento anterior ao seu nascimento, a jovem gaivota Ditosa, ensinando-lhe tudo o que ela necessitará para poder integrar o grupo da sua espécie. Este processo educativo, que abarca o grosso da narrativa, incluirá o chocar do ovo, a alimentação da jovem cria, a sua defesa em momentos particularmente difíceis, sempre num quadro de respeito e de crescente autonomia, até à sua emancipação total: o ensiná-la a voar e o “acompanhar”, afetivamente, essa sua iniciação.

Criada por Zorbas e pelos gatos do porto, que respondem solidariamente<sup>4</sup> a um pedido de auxílio endereçado pelo “gato grande, preto e gordo”, a pequena gaivota sente-se tão bem entre aqueles que a cuidam que quer renunciar à sua condição de ave e ser gato como eles. Se a ausência de pontos de referência adequados às suas características de ser voador motiva nela uma crise de identidade<sup>5</sup>, essa crise é rapidamente superada graças a um ambiente de compreensão e de profundo respeito por todos os que a rodeiam e educam:

“Contigo aprendemos a apreciar, a respeitar e a gostar de um ser diferente. É muito fácil aceitar e gostar dos que são iguais a nós, mas fazê-lo com alguém diferente é muito difícil, e tu ajudaste-nos a consegui-lo. És uma gaivota e tens de seguir o teu destino de gaivota. Tens de voar. Quando o conseguires, Ditosa, garanto-te que serás feliz, e então os teus sentimentos para connosco e os nossos para contigo serão mais intensos e belos, porque será a amizade entre seres totalmente diferentes” (Sepúlveda, 2002:92-93).

---

<sup>3</sup> Zorbas não é reconhecido pelo pelicano que o confunde com uma rã nem tão pouco partilha os traços que estereotipadamente caracterizariam os seres da sua espécie: o pelo de listras cinzentas, a velocidade, a agilidade ou o cheirar a pantufa.

<sup>4</sup> Esta noção da solidariedade está bem presente ao longo da obra: “Vamos todos. Os problemas de um gato do porto são problemas de todos os gatos do porto” (Sepúlveda, 2002:37). De igual modo, no meio da desgraça os animais unem-se todos e formam um coro: “Os quatro gatos começaram a miar uma triste litanía ao pé do velho castanheiro, e aos seus miados bem depressa se juntaram os dos outros gatos das vizinhanças, e depois os dos gatos da outra margem do rio, e aos miados dos gatos uniram-se os uivos dos cães, o piar lastimoso dos canários engaiolados e dos pardais nos seus ninhos, o coaxar triste das rãs, e até os desafinados guinchos do chimpanzé Matias” (Sepúlveda, 2002:57).

<sup>5</sup> “Mas eu não quero voar. Também não quero ser gaivota (...) quero ser gato e os gatos não voam”. (Sepúlveda, 2002:90).

A osmose entre mundos possíveis à partida não compatíveis entre si – o mundo dos animais e o mundo dos humanos e o diálogo que entre eles se estabelece – constitui uma forma de alertar o leitor para as possíveis mensagens de natureza ideológica que este texto comporta, recuperando simultaneamente uma isotopia que já fora, num momento inicial da narrativa, explorado: o da comunicação entre os animais *versus* o da incomunicabilidade entre os humanos. De facto, se os animais têm uma linguagem universal, possuindo, inclusive, a capacidade de compreender o Outro – Zorbas quebrará o tabu e falará a linguagem dos humanos (Sepúlveda, 2002:101-104) –, os humanos, pelo contrário, procurando, a todo o custo, uma explicação racional para tudo, manifestam uma forte dificuldade em comunicarem entre si e particularmente com o Outro, não o reconhecendo como seu semelhante.

A conclusão do processo educativo da jovem gaivota é atingido quando esta, incentivada pelos amigos felinos e apoiada pelo Poeta, concretiza o seu primeiro voo. O local da sua emancipação coincide com o mesmo espaço físico que Kengah, a gaivota progenitora, avistara na sua última tentativa de voar: a torre de São Miguel.

A coincidência do espaço e a sua associação ao binómio morte *versus* vida torna-o num lugar simbólico: a mãe termina aqui o seu voo, a filha inicia-o. Como afirmou Colonello, a jovem gaivota tem de prosseguir o voo da mãe, interrompido pelos humanos. Este espaço tem características próprias: está muito distanciado do solo, é um espaço aberto e amplo, facto que atrai as aves, pela sua tendência à liberdade, às alturas, ao vaivém constante em que vivem. É nesta torre, e num momento de clímax narrativo, que o maravilhoso acontece: a cria de um gato aprende a voar! Se o espaço possui, como já assinalámos, um forte simbolismo, este manifesta-se também no que respeita à hora escolhida para o voo iniciático: as doze badaladas da meia-noite. Este tanger das badaladas representa, à semelhança do que ocorre em numerosos textos de literatura infantil que fazem parte do património coletivo dos chamados contos de fadas, a revelação de grandes transformações: é, com efeito, ao som das doze badaladas da meia-noite, dado pelos sinos da igreja de São Miguel, e numa noite de chuva, que a jovem gaivota, acompanhada apenas por Zorbas e pelo Poeta, se emancipa e atinge a sua maturidade. Não porque fora ensinada a voar, mas porque, vencendo os seus receios, ousou dar o primeiro passo! O campanário da torre da Igreja de São Miguel<sup>6</sup> constitui, pois, a fronteira simbólica

---

<sup>6</sup> Ainda que a leitura do texto literário obedeça à convencionalidade Estética, à luz da qual o estado de coisas expresso no texto não mantém uma relação especular com o mundo empírico e histórico-factual, não podemos deixar de assinalar que sob a porta principal desta igreja se encontra uma composição artística que retrata a vitória do arcanjo São Miguel sobre o demónio. Entendemos, por isso, que, na leitura simbólica da obra, todas estas variáveis devem ser tidas em conta.

que permite à jovem gaivota acreditar que poderá ser feliz, retomando a sua condição autêntica de ser intrinsecamente livre e capaz de voar.

“- Estou a voar! Zorbas! Sei voar! – grasnava ela, eufórica, lá da vastidão do céu cinzento.

O humano acariciou o lombo do gato.

- Bem, gato, conseguimos – disse ele suspirando.

- Sim, à beira do vazio compreendeu o mais importante – miou Zorbas.

- Ah, sim? E o que é que ela compreendeu? – perguntou o humano.

- Que só voa quem se atreve a fazê-lo – miou Zorbas.”

(Sepúlveda, 2004: 121)

Se a narrativa pode ser entendida nesta perspetiva de educação e de crescente autonomia da gaivota, esta obra pode, de igual modo, ser lida como uma mensagem onde se apela a um intenso prazer de viver. De facto, Kengah, a gaivota, luta por sobreviver à trágica maré negra e, vendo-se sem possibilidades, quer que a sua descendência continue, deixando um ovo, para que Zorbas faça aquilo que ela já não pode fazer. Zorbas, ajudado pelos seus amigos, trava uma luta constante por vencer as dificuldades e o sofrimento e enfrenta os problemas que vão surgindo, com coragem e determinação, dominando, assim, os obstáculos e saindo vitorioso.

Tratando-se de um texto literário lido por crianças e jovens, encontramos aqui uma clara dicotomia entre personagens positivas e personagens negativas. Se a censura endereçada pela gaivota Kengah aos humanos por poluírem os mares poderia levar o leitor a estabelecer uma visão maniqueística do tipo humanos maus *versus* animais bons, a capacidade de reflexão e de distinção entre o bem e o mal que esta personagem manifesta relativamente a outras personagens humanas, nomeadamente os homens das “pequenas embarcações decoradas com as cores do arco-íris” (Sepúlveda, 2002:25), associada à existência de personagens animais com comportamentos claramente disfóricos<sup>7</sup>, invalida esta visão maniqueísta do mundo e constitui mais um meio de permitir a emergência de valores éticos profundamente educativos. De facto, a cosmovisão que aqui se apresenta jamais é a de um mundo “inteiramente a Branco e Preto” (Cesariny, 1980:66), mostrando-se, pelo contrário, que em cada espécie há personagens positivas e personagens negativas e que compete a cada um saber distingui-las e agir em conformidade.

Quando olhamos com cuidado para as personagens humanas, verificamos que, para além dos homens das “pequenas embarcações decoradas com as cores do arco-

---

<sup>7</sup> Veja-se, a este propósito, por exemplo, o comportamento de Matias, o macaco que trabalha no bazar de Harry, caracterizado indiretamente como oponente da ação dos quatro amigos, alcoólico, desonesto e maldizente, ou das ratazanas que revelam elevada agressividade face a Zorbas ou ainda o caso dos dois gatos malvados que lhe dificultam a vida, procurando impedi-lo de cumprir a promessa dada, desprezando-o e insultando-o.

íris”, já supra referidos, há mais dois seres que são particularmente valorizados: o garoto que cuida de Zorbas, e cuja caracterização é feita pelo narrador de forma indireta, e um humano que tem a particularidade de fazer voar as palavras. É significativo que as únicas personagens humanas claramente participantes na ação sejam uma criança e um poeta, este último com a chave capaz de impulsionar decisivamente a jovem gaivota a voar.

Em conclusão, diremos que esta obra, narrando, na perspectiva de uma fábula, uma história de amor e de profundo respeito pelo Outro, cumpre importantes efeitos perlocutivos, ao alertar os leitores para aspetos fundamentais da vida em sociedade. A amizade, a bondade, a solidariedade, a generosidade, o amor à vida, a aceitação e a convivência pacífica da diversidade dos seres, o respeito pela natureza pessoal e individual de cada um, bem como a profunda mensagem de autoconfiança na possibilidade de cumprimento de um sonho são elementos fundamentais do universo ideológico aqui presente e que emergem da interação que o leitor estabelece com o texto.

Se um dos maiores desafios que, nos dias de hoje, se colocam à escola é o “da diversidade, da diferenciação, do multiculturalismo, assumindo que educar para a cidadania é também educar para o reconhecimento, para o respeito e para a cultura da diferença” (Fonseca, 2000:19), é nossa opinião que esta fábula pode constituir-se como uma preciosa ajuda na educação para a tolerância e para o exercício da cidadania.

De facto, não impondo nenhuma moral, nem assumindo explicitamente qualquer intenção didático-pedagógica, mas sendo efetivamente um texto que, pela sua forma de conteúdo e de expressão, comporta a novidade semiótica que define e caracteriza a literariedade, ele permite que o leitor reconheça nele e através dele uma série de valores éticos fundamentais à nossa vivência em sociedade. Neste sentido, ele pode, de uma forma que se nos afigura muito produtiva, iniciar os seus jovens leitores naquilo que a investigadora Maria da Natividade Pires (1996:105), apelida “o caminho da aceitação enriquecedora da diversidade”.

## **Bibliografia**

AZEVEDO, Fernando (2003) Literatura infanto-juvenil e educação para os valores: leituras em torno de *História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar*, de Luís Sepúlveda. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, 10(8), 690-697.

CESARINY, Mário (1980) *Primavera autónoma das estradas*. Lisboa: Assírio & Alvim.

FONSECA, António Manuel (2000) *Educar para a cidadania*. Porto: Porto Editora.

PIRES, Maria da Natividade (1996) Literatura infantil e educação multicultural.  
*Inovação*, 9, 99-105.

SEPÚLVEDA, Luís (2002) *História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar*.  
Porto: Edições Asa.